

Queima das Fitas de Coimbra a maior manifestação estudantil

João Fonseca

Éa maior festa da Academia de Coimbra e também dos estudantes do País. Tem raízes no século passado, mas, com as actuais características e designação, existe apenas há cerca de 60 anos. É a Queima das Fitas, uma semana do mês de Maio, para demonstrar que ser estudante não serve só para se chegar a doutor.

Queimar as fitas significa assinalar o fim do ano lectivo, antes comemorado com o Centenário da Sebenta, depois com o Enterro do Grau, este, no entanto, para celebrar a abolição do grau de bacharel e que, em 1905, viria a constituir um marco extremamente importante na história da vida estudantil de Coimbra e no próprio aparecimento da Queima, pois foi nesse ano que a população da cidade participou, pela primeira vez, na festa da Academia.

Documentos capazes de contar como tudo começou, é coisa que não abunda, bem pelo contrário. Dessa história, do seu começo, o que até hoje foi chegando foi, na grande maioria, por via oral, meio de comunicação importante, sem dúvida, mas de precisão nem sempre garantida. Seja como for, através deste e de outros modos, é possível adiantar algo e determinar mesmo algumas datas.

Desde que, em 1537, por determinação de D. João III, a Universidade se instalou definitivamente em Coimbra, que as tradições começaram a surgir e, progressivamente, a fazer parte dos hábitos dos seus estudantes. O uso da capa e batina foi um desses primeiros costumes e que, salvo alguns interregnos, nunca mais deixou de se verificar. Simultaneamente, outras tradições foram aparecendo, mas só em finais do século XVIII conheceu as primeiras tentativas de compilação.

A Praxe Académica foi, assim nascendo e crescendo. E de tal modo que cedo necessitou de uma compilação, que, porém, só veio a ser formalizada em 1957, ano até ao qual todas as tentativas (a primeira das quais ainda nos anos de setecentos com a designação de «Palit Métrica» — «Palito Métrico») se gozaram. Mas naquele ano, o «Código da Praxe Académica» foi mesmo formalizado, adquirindo, portanto, o estatuto de «direito consuetudinário imposto».

Sebenta, Grau Queima e Latadas

Numa tentativa de «expressar a tão característica irreverência académica», foram criadas, e como recorda ao DN um elemento da Comissão Central da Queima das Fitas 88, «festividades ainda hoje corolário da vida estudantil coimbrã», designadamente a Queima, cujo embrião remonta a pelo menos 1899.

Foi precisamente no último ano do século passado que se realizou o Centenário da Sebenta, que visou ridicularizar a forma como então eram «conduzidos os centenários comemorados entre 1880 e 1898, em homenagem a figuras e acontecimentos de relevo». A esse Centenário da Sebenta se atribui, com efeito, a origem da Queima, que, como se disse, só mais tarde viria a adoptar esta designação.

Antes do aparecimento dela, da Queima das Fitas, um outro acontecimento se revestiria de particular importância para a história daquela que viria a ser a maior manifestação estudantil da Academia de Coimbra e dos estudantes portugueses. Foi o Enterro do Grau, assinalando, em 1905, a abolição do grau de bacharel, acontecimento que, conformente já se referiu também,

contou, pela primeira vez, com a participação activa da população da cidade.

A Proclamação da República e a Primeira Grande Guerra vieram, entretanto, a provocar, e como se compreende, interrupções nas actividades festivas da Academia e, concretamente, naquelas que viam a fundir-se e a gerar a Queima.

Em 1919 a vida da Academia coimbrã era como que normalizada, retomando plenamente as suas manifestações, cabendo às já então existentes Latadas («rito de iniciação ao caloiro com vista à sua integração na Academia») um papel pioneiro e preponderante nessa retoma gradual das tradições.

Simultaneamente e associando-se às Latadas e outras tradições, novas realizações apareceram no âmbito daquilo que, então, e a partir dos anos 30, se passa a chamar Queima das Fitas.

No último ano da década de 20 foi realizada a primeira garraia (que posteriormente deixaria Coimbra, para ter lugar, como acontece actualmente, na Figueira da Foz) e três anos mais tarde (1932) a primeira Vencia da Pasta («actividade de beneficência, cujas receitas rever-

tem a favor da Casa de Infância Elyσιο de Moura»), e no ano seguinte aconteceu o primeiro Baile de Gala das Faculdades.

O vasto programa, cada vez mais cheio, fez com que, no final dos anos 40 (não existem elementos capazes de indicar com exactidão a data em que tal decisão foi tomada), as Latadas deixassem de integrar a Queima, passando elas a realizar-se no início do ano lectivo e como uma manifestação autónoma, como, aliás, se mantém, e, apesar de possuir considerável dimensão, nunca se superiorizou à Queima.

A crise de 69 e o 25 de Abril

As crises e lutas estudantis, que vieram a ficar conhecidas como «Crise de 69», tiveram com que a Academia decretasse, nesse ano, o «luto académico», atitude que, na prática, significou, entre outras coisas, a suspensão das manifestações estudantis, melhor, das manifestações festivas, e, portanto, da Queima das Fitas, que três anos mais tarde viria a ter uma comissão para a sua organização, que entendia que ela se deveria realizar, embora em luto. Tal perspectiva, então muito contestada, não vingou, ainda que tivesse chegado a ser imprimido um cartaz.

Surgiu o 25 de Abril e o «luto académico» ainda não tinha sido levantado, conhecendo, então, a Queima das Fitas uma das suas maiores crises, tendo sido alvo de forte contestação, dividindo-se os estudantes entre

aqueles que entendiam que esta manifestação não fazia mais sentido, enquanto outros sustentavam precisamente o contrário.

Divisões resultantes de posições mais ou menos radicais, que duraram até 1980, ano em que a Queima voltou, como dantes, à Academia e à cidade, e na sequência de uma Semana Académica, realizada, no ano anterior, por iniciativa da Direcção-Geral da Associação Académica de então.

Um ressurgimento polémico, sem dúvida, querido por uns estudantes, contestado por outros, mas ansiado pela generalidade dos comerciantes da cidade, que têm na Queima um dos melhores momentos da sua actividade, a par das bienais Festas da Cidade e da Rainha Santa. Uma reposição da tradição que aconteceu também entre lutas político-partidárias, que chegaram, na realidade, a sobrepor-se

à vida estudantil e suas manifestações.

Da timidez à euforia

Foi tímido, indubitavelmente, o reaparecimento da Queima das Fitas, em 1980 e anos seguintes. Enquanto uns teimavam em a levar por diante, outros contestavam-na, quase a boicotavam aqui e além. Não tardou, porém, que toda, ou quase toda a Academia estivesse de acordo e, unanimemente, pugnassem pela sua festa.

Mas vontade não chega, normalmente, para estas manifestações, pois ela só não consegue esbater as contradições que encerram. E entre a reposição fiel daquilo que se fazia e acontecia no passado e o modo de ser e estar na vida estudantil e no mundo, sobrepujaram-se contradições, ainda hoje, de resto, mais ou menos visíveis, sendo notória uma certa dificuldade em acertar o passo com o presente através de uma «coisa do passado».

Se, em tempo de ditadura, a Queima vivia, em grande medida, à custa de uma contestação assumida quase unanimemente pela Academia, hoje, ela luta contra a ausência de pontos de referência capazes de congregar esforços e unidades. Para além de que novas realidades obrigaram os estudantes a encarar a vida universitária de forma algo diferente do modo como era interpretada em tempos.

Situações como a decorrente do «numerus clausus» e da conquista do mercado de trabalho fazem, naturalmente, com que o estudante tenha um comportamento diferente, designadamente mais fechado em si, mais individualizado, menos colectivo.

Pacífica é, todavia, a ideia de que a vida de estudante não pode, de modo nenhum, limitar-se às aulas e serões de estudo caseiro. Ele precisa de tempos livres, de os ocupar, de encontrar escapes capazes de sublimarem, ainda que parcialmente, um ano lectivo de concorrência quase sempre desenfreada, de luta pela conquista de médias e curriculos. A sua realidade actual já não é muito compatível com a boémia tradicional, com tradições que, frequentemente, constituem apelos à despreocupação e mesmo à reprovação.

Adaptar aquilo que de bom tem a praxe académica aos dias e estudantes de hoje é, assim, a palavra de ordem de todas as manifestações estudantis coimbrãs, mormente da sua maior festa, a Queima das Fitas — cada vez menos manifestação de contestação, comemoração

Organiz. Estudantil -

ABR	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
-----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

Queima das Fitas - Coimbra

RECORTES DE IMPRENSA

INSINO SUPERIOR/ORGANIZACAO ESTUDANTIL/ACTIVIDADES SOCIO CULTURALS

conseguida fundamentalmente à custa de uma euforia, em contraste com a timidez que caracterizou as três ou quatro primeiras Queimas dos anos 80.

Uma euforia nem sempre natural, frequentemente provocada, como que se a semana da Queima fosse um tempo de diversão obrigatória, imposta por terceiros. Daí que a Queima das Fitas se refugie cada vez mais em programas de índole cultural e desportivo, em espectáculos para ver, ouvir e sentir, não para participar.

Seja como for, a Queima das Fitas de Coimbra continua, apesar dos seus maiores ou menores sobressaltos, dificuldades e contradições, a ser a maior manifestação estudantil da cidade e do País. Como logo o deixa entender o seu programa, dos anos anteriores e deste, que se realiza de 6 a 12 de Maio, antecedendo-a a I Semana da Cultura da Associação Académica, já no seu 101.º ano de existência.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Organiz. Estudantil - Queima das Fitas
Univ. Coimbra

ABR	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
-----	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----